

"SIM, PORQUE TODA A GENTE SABE QUE A MEDITAÇÃO E A ÁGUA SE ENCONTRAM INDISSOLUVELMENTE LIGADAS"

* Intervenção proferida por **Manuel Lopes** na **Sociedade de Geografia de Lisboa**, no âmbito das comemorações do

Dia Nacional do Mar

, celebrado em

16 de Novembro de 2004

, com o lançamento dos fundamentos da "

REDE NACIONAL DA CULTURA DO MAR

".

Desde logo devo adiantar que não possuo outros créditos ou referências, para intervir em tão douta **Sociedade**, senão aqueles que suportam e iluminam a grande paixão de um bibliotecário pelo Mar. E é sobretudo por isso que estou aqui. Tendo atravessado os mares da nossas gentes, com a **Lancha Poveira do Alto**, desde a **Champana** ao **Mar dos Galegos**

, com derivas pela costa até

Lisboa

, sem esquecer uma extraordinária e viva singradura bretã, movendo-nos, quem sabe, por aquela estranha inquietação marinha de que fala o personagem

Melville

em "

Moby Dick

", tão presente, hoje, no ácido dos tempos: "

É uma forma de fugir ao suicídio. Onde, com um gesto filosófico, Catão se lança sobre a espada, eu, tranquilamente, meto-me a bordo

".

Permitam-me que divida o meu tempo em duas partes: a primeira sobre algumas considerações basilares essenciais á estruturação documental de um projecto que visa criar uma "**Rede Nacional da Cultura do Mar**", deixando a segunda para abordar duas ou três problemáticas sobre a **colmeia piscatória poveira**, na perspectiva da "**Preservação do Património das Comunidades Ribeirinhas**".

Atenção devida aos prolegómenos, passos primeiros e seguros de uma rede interdisciplinar de comunicações e cumplicidades que, em boa hora, se manifesta alargada, abrangente e dialogante. Cobertura geral de um país ribeirinho e insular onde se não podem perder ou iludir os níveis mais diversos e enriquecedores da cultura nacional, complementada a cientificidade das vertentes académicas com a voluntariosa cooperação dos saberes locais.

É neste sentido que me atrevo lembrar a necessidade de introduzir nas questões preliminares do "nosso projecto" alguns trabalhos e acções tão imprescindíveis quanto urgentes.

1 - Avançar para a **Inventariação Geral do Património Marítimo Piscatório**, tendo em rumo e vista o congraçado esforço do

Instituto Português Património Arquitectónico

, do

Instituto de Museus

e do

Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

, traduzido na publicação de dezenas de inventários temáticos e analíticos dos nossos "

bens imóveis

". Para as cousas do Mar, entre nós, nenhuma atenção, desta natureza, foi dada até hoje;

2 - Sensibilizar a publicação de um "**Thesaurus Iconográfico Marítimo**", que inclua também a fixação linguística e o registo comparativo do "

Vocabulário / Glossário do Património Marítimo

" português, atendendo ao trabalho que foi realizado para o

Culto Religioso

, com a tradução e adaptação nacional do modelo utilizado pelo

Vaticano

, o "

Thesaurus. Vocabulário

[multilingue]

de Objectos do Culto Religioso

[2004], sob a coordenação de

Natália Correia Guedes

;

3 - Executar e coordenar o tratamento analítico e interpretativo da **documentação iconográfica e iconológica**

da actividade piscatória no litoral português, constituída pelas mais diversas e dispersas fontes imagéticas: das iluminuras às gravuras, da pintura à escultura, da fotografia às artes decorativas....reunindo num só olhar os

artefactos e mentifactos

mencionados na memória programática da “

Rede Nacional da Cultura do Mar

”, lembrando os objectivos e resultados obtidos, por exemplo, pela nova base de dados de imagens,

fixas e móveis

[indicações conjuntas pesquisáveis em texto integral]- o “

Thesaurus BIMA

”, desenvolvido pelo

Arquivo Municipal de Barcelona

, conhecendo-se ensaios de adaptação no

Arquivo Municipal da Figueira da Foz

;

4 - Dar início à publicação da **Bibliografia Sistemática e Analítica do Património Marítimo Português**

, promovendo a continuidade, actualização e realce do

trabalho [

1965] da autoria que **Benjamim Enes**

Pereira

compendiou

para a

Etnogra

fia Portuguesa

, publicado já lá vão quarenta anos, sem esquecer os contributos vindos de projectos de investigação académica, nomeadamente os que têm sido levados a cabo pelos Professores

Henrique Souto

e

Inês Amorim

, entre outros;

5 - Abordar o **tratamento documental** e a **digitalização** dos “**Livros de Registo de Inscrição Marítima**

” existentes nos **Arqui**

vos das Capitánias Marítimas dos Portos Pesqueiros Portugueses

. Na

Póvoa de Varzim

existe documentação disponível entre

1893

[pescadores nascidos nos finais da s
egunda metade do século XIX

] e a actualidade:

49 livros de matriculas

abrangendo mais de

doze mil e setecentos pescadores

incluindo mulheres inscritas na coadjuvância da

actividade piscatória e balnear [banheiros]

, bem como numa das mais importantes

actividades agro-marítimas

da nossa região: a

apanha do sargaço

. Milhares de registos, fornecendo dados biográficos e profissionais que incluem as

cronologias da inscrição

e das

revalidações matriculares

, o

nome

,

apelidos

e

alcunhas

, a

filiação

,

data de nascimento

e

naturalidade

, sinais característicos, desde a altura á cor dos olhos e da pele, domicilio simplificado e outras observações avulsas, com relevância para as

ausências emigratórias

e respectivos regressos. Mas nesta matéria sobreleva, pela redobrada importância antropológica, o uso pioneiro da

identificação fotográfica

. Seria preciso decorrer mais de vinte e cinco anos [1918] para a fotografia ser introduzida pelos serviços do

Arquivo de Identificação / Bilhete de Identidade

. Variável na sua riqueza informativa, caracterológica e etnológica, a

fotografia

permite

indexar

descritores referentes á personalidade física, ao modo de vestir e á especificidade do traje, bem como as usanças da moda e outros adereços.

Como acredito que "*pele Sonho é que vamos*" deixo para o fim dois desafios:

A) **Uma Comunidade Marítima / Uma Embarcação Tradicional** - pulsão impositiva e justificação plena num **País de Mar**

, onde a variedade extrema do seu mosaico vinhateiro só tem paralelo na multiforme e fecunda multiplicidade das nossas embarcações tradicionais. Aproveitando os exemplos que nos chegam da

Europa

onde estamos. Na

França

, por exemplo, é o "

Desafio Jovens Marinheiros 2000

", que tem possibilitado criar e desenvolver o trabalho de restauro e construção de *embarcações tradicionais*

, gerando escolas de navegação á vela. Tome-se como exemplo o concurso "

Barcos das Costas de França

"

que suscitou a renascença de quase uma centena de unidades

", tendo em linha de conta que "

o ensino das matérias marítimas e do património oferecem uma maravilhosa oportunidade de apreender o Mar fora do horário escolar. Descontraídas, as crianças estão particularmente bem colocadas. Para adquirir novos conhecimentos, apreciar as beleza dos objectos, a qualidade dos materiais, a riqueza sub-jacente dos saberes e fazeres das artes marítimas

."

B) Para quando um **Museu Nacional do Mar**? Com visão ampla propiciando a cobertura geral do espaço marítimo nacional, mostrando, estudando e conservando as nossas embarcações tradicionais dando inteira e igual atenção ao período de motorização nos últimos cento e cinquenta anos.

* Em **Portugal** nunca, até hoje, se poderá dizer que alguma vez existiu um verdadeiro **Museu Nacional do Mar**

, pelo menos semelhante às unidades e complexos museológicos conhecidos por esse mundo fora, com admirativa atenção para o trabalho modelar do museus da

Alemanha [Deutsches Schiffahmuseum

, em

Bremerhaven

], da

Espanha [Museu Maritim Drassanes de Barcelona]

e da

Inglaterra [Nacional Maritime Museum]

Entrando na segunda parte, duas ou três palavras sobre a **comunidade piscatória poveira**.

Desde logo uma

breve visão histórica

assente nos contornos e condicionamentos da

geografia e do povoamento

A história da **Póvoa**, da aurora da sua fundação - a **carta-foral** de **D. Dinis [9. Março. 1308]** , de pronunciado recorte marítimo, concedendo a

54 chefes de família

, na sua boa parte pescadores - é feita de Terra e de Mar. Velas e arados rasgando a mesma seara. Água e sonho de idêntica e luminosa aventura. História feita de permanências que atravessam e dissolvem o tempo. Toda a ciência está aqui. No trabalho e nos dias do Homem. Nas marcas e nos sulcos da quilha e da charrua. Geometrias e dinâmicas a quem tudo devemos. Génese de um passado que não é outro senão o nosso futuro.

Assim, importará reter a investigação histórica realizada, mormente pelos trabalhos publicados do historiador local **Manuel Amorim**, acrescida da não menos importante massa de informação e documentação marítima e piscatória, presente no

Boletim Cultural Póvoa de Varzim [1958-2003]

, trinta e oito volumes publicados que fazem deste extraordinário repositório uma fonte indispensável da história do nosso concelho.

Na esteira de tão operosos cavoucos importará pesquisar, de igual forma, não só a documentação medieval, como também os "**Tombos Paroquiais**" das freguesias litorâneas, merecedores de "hermenêutica" adequada, tendo em vista a leitura interpretativa do seu interesse marítimo.

Um exemplo apenas para se avaliar a riqueza e o interesse destas fontes documentais: "A costa marítima do concelho da Póvoa de Varzim estende-se por oito quilómetros, aproximadamente. O tomo velho de Argivai [1589], antiga paróquia da Póvoa de Varzim, aponta o limite daquela igreja com Vila do Conde da seguinte forma: "He de Regufe vai pello caminho abaixo atee ho mar onde está hua Pedra, que se chama Cabidello, a qual está no mar e tem em si hua Cruz, que serve tudo de marquo". E continua com este esclarecimento importante: "***E declaração que este caminho, que vai todo asi, como hé termo da Póvoa, porque todo o termo da Póvoa fica limite da dita Igreja". A carta hidrográfica da enseada da Póvoa de Varzim apresenta o "Cabedello" como um conjunto de penedos divididos em cabedelo da terra e cabedelo do mar. A cruz que assinala o limite está no cabedelo***

do mar, no cabeço mais alto do penedo, o único que o mar não cobria na maré alta. daqui, o limite litoral extingue-se noutra "pedra que está no mar a qual tem uma cruz, he está entre Ramalha e Couve, chamada Pedra do Mendo" (Tombo da Estela, 1700). Esta Pedra do Mendo marcava, desde a criação do Couto da Estela, a divisória com o couto da Apúlia, da casa de Bragança, hoje, do termo de Esposende. " [Manuel Amorim, 2002].

Recorrendo ao ilustre historiador local permitam-me que recorra aos dois primeiros itens sua arguta e elaborada síntese:

1 - **1308-1514 - "Povoamento estratégico em ordem à constituição de um comunidade marítima";**

2 - **1514-1836 - "Organização da vida pública e da dinâmica urbano-burguesa consequentes da fecunda actividade piscatória";**

3 - **Construção Naval**, contributo poveiro á gesta dos Descobrimentos: a classe dos "carpinteiros de machado".

4 - A Póvoa de Varzim sob o signo do Mar evocada nas suas duas expressões culturais mais emblemáticas:

4.1 - **A "Lancha Poveira do Alto"**

4.2 - **As "Marcas dos Pescadores" / Siglas Poveiras**

5 - A importância determinante e identificadora da actividade piscatória. Século XVIII-XIX, o nome para chamar á colação o nunca esquecido estudioso **Constantino Botelho de Lacerda Lobo** que em **1789** nas suas "**Memórias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa**" escreve: "

O estado actual da pescaria da Póvoa de Varzim é o mais atendível da costa da província do Minho: 1º.- Os pescadores são os mais peritos e práticos, que existem em toda a nossa costa desde o Cabo de S.Vicente até Caminha; 2º. - Aqui há um número mais considerável de pescadores, embarcações e aparelhos de pesca, do que em outro qualquer lugar, a quantidade do pescado é proporcionada a estes meios.

" E para quando uma reedição anotada da obra mor de

Baldaque da Silva

[1886-189], que apenas beneficiou, em

1991

, de uma inacessível edição fac-similada?

O Poveiro conhece os seus mares e nomeia-os pela topologia e especificidade das pescarias.

O mar da pedra, o mar novo, o mar da gata

, são mencionados como áreas de pesca desde os séculos XVII-XVIII. Os pescadores sempre fizeram uso das mais variadas "

artes

". Aparelhos e redes equilibradamente adequadas a um sistema racional e empírico de capturas atentamente controladas. Saber de experiência feito, estimulado em função das exigências de conservação da riqueza piscícola e dos interesses vitais da própria sobrevivência da comunidade.

Outros temas a merecer adequada referência e atenção são ainda o Porto de Pesca, gerado pela provisão iluminista de **D. Maria I [1791]** , impulsionadora da "**obra da caldeira**", saída do risco do engenheiro militar

Reinaldo Oudinot

. Espaço também para o que resta da nossa

indústria de conservas

, para o estabelecimento da qual tanto contribuíram as tecnologias nantesas e algarvias. Por último a atenção que nos merece uma

visão do tempo actual

, alicerçada em dar a conhecer o

Património Natural e Cultural

, sua defesa e a valorização, o estudo e a conservação dos recursos humanos e económicos da

pesca

; o papel desempenhado pelo t

urismo balnear: Praia de Banhos e Porto de Recreio

Uma referência final ao projecto museológico encarnado pela **Lancha Poveira do Alto**

[lançada á agua em

Setembro de 1991

], mantida até hoje com o apoio da nossa autarquia, que dela fez sua imagem de marca. Porem a sua conservação e operacionalidade merecem e justificam cuidado acompanhamento. A Lancha Poveira vive, acima de tudo, do voluntarismo generoso de tripulação que tem conseguido, apesar de algumas e notórias dificuldades, passar o seu testemunho num esforço singular de perseverança e continuidade. Trata-se de uma embarcação tradicional provida, ainda, caso único em

Portugal

, do concurso de hábeis pescadores em actividade e na reforma. Só esta ligação umbilical aos territórios da memória e do "saber-fazer" de uma comunidade, nos pode garantir a abordagem correcta e a possível recuperação de tão preciosa herança da sabedoria marinheira.

Se existe alguma coisa que, de todas as inolvidáveis viagens que partilhamos, sempre recordaremos, é ter podido surpreender o aprazível e consciente **despertar** de cada um dos pescadores e tripulantes da

Lancha

, para as antiquíssimas práticas de "leitura" e da observação do Mar e do Céu, do voo das aves, do movimento das marés e da linguagem do vento. Conhecimentos empíricos e experimentais da orientação marítima e da meteorologia popular que não foram, de todo, esquecidos e agora regressam em toda a sua força tranquilizante e criadora.

MANUEL LOPES

Alguma bibliografia revisitada:

AMORIM, Manuel

2002 - O Litoral Poveiro, in "O Litoral em Perspectiva Histórica (Séc. XVI a XVIII) ". Actas, Porto, Instituto de História Moderna / I&D,p. 21-40, il.

2003 - A Póvoa Antiga. Estudos sobre a Póvoa de Varzim. Séculos X-XVI, col. "Na Linha do Horizonte. Biblioteca Poveira/ 5, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal, 312 p.. il.

BURKE, Peter

2001- Visto y no visto. El uso de la imagen como documento histórico, trad. de Teófilo de Lozoia, Barcelona, Editorial Crítica, 285 p., il

CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM

1958 - Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", Póvoa de Varzim, Câmara Municipal, 38 volumes, 1958-1959; 1964-2003

CHASSE-MARÉE

1996 - Transmettre l'éritage. Déffi Jeunes Marins 2000, Douarnenez, Revista

"Chasse-Marée", N.º.103, Dezembro, 19-31 p. il.

DOMÉNECH I FERNÁNDEZ, Sílvia

1997 - Tesaure BIMA, Barcelona, Arxiu Municipal, 127 p.;

GONZÁLEZ, Manuel António Castiñeiras

1998 - Introducción al método iconográfico, Barcelona, Editorial Ariel, 251 p., il.;

GARNIER, François

1984 - Thesaurus Iconographique. Système descriptif des représentations, Paris, Ministère de la Culture / Le Léopard D'Or, 239 p., il.

GUEDES, Natália Correia [coord.]

2004 - Thesaurus. Vocabulário de Objectos do Culto Católico, Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança / Lisboa, Universidade Católica, 239 p. il.

FILGUEIRAS, Octávio da Lixa

1995 - O Barco Poveiro, Póvoa de Varzim / Porto, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Contemporânea Editora, Lda, 231 p. il.

LOBO, Constantino Botelho de Lacerda

1789 - Memoria sobre a preparação do peixe salgado, e secco das nossas pescarias, in «Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa», tomo IV, 1812 * Edit. Póvoa de Varzim, Col. Estudos Poveiros N.º.2, Liv. e Tip. "Gráfica da Póvoa", 1955, 27 p. * Transcr. BCPV, I-2, p. 239-241;

MELVILLE, Herman

1851 - Moby Dick, trad. de Alfredo Margarido e Daniel Gonçalves [1962], Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1990, vol. I, p.25-26.

